

DEUSES DA IA, DEUSES DO JEANS E DEUSES DA
ECONOMIA: RESPONDENDO AOS COMENTÁRIOS AO
ARTIGO "ABENÇOADO PELO ALGORITMO"^{1*}

*AI GODS, JEANS GODS, AND THRIFT GODS: RESPONDING TO COMMENTS
TO THE BLESSED BY THE ALGORITHM PAPER*

Beth Singler²

"Mas que tal outro exemplo? E se alguém lhe dissesse, em uma saída à noite, algo como: 'esses jeans realmente estão abençoando você'? Querendo dizer que você estava muito bem. Nós não pensaríamos que a pessoa estava se referindo ao jeans como uma espécie de Deus, não é mesmo?"

Estou começando minha resposta aos comentários ao meu artigo "*Blessed by the Algorithm* (BBtA)", traduzido pela Debates do NER como "Abençoado pelo algoritmo" (2023), com outra reação a ele que recebi recentemente. Há alguns comentários relevantes que vinculam esta reação às outras. Ou, talvez, apenas seja muito difícil para um antropólogo escrever algo que não comece com observações de situações reais.

A citação acima é de um aluno de mestrado que tinha acabado de me ouvir falar a respeito do meu artigo sobre BBtA, e outras pesquisas relacionadas, durante cerca de uma hora, e esperava pacientemente por outro

¹ Traduzido para a língua portuguesa por Barbara Jungbeck, mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

² Pesquisadora Júnior sobre Inteligência Artificial pela Faculdade Homerton da Universidade de Cambridge, Inglaterra. E-mail: beth.singler@uzh.ch. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9471-0924>.

* Como citar: SINGLER, Beth. Deuses da IA, deuses do jeans e deuses da economia: respondendo aos comentários ao artigo "Abençoados pelo algoritmo". *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 123-139, 2023.

exemplo desse tipo de linguagem, a ser oferecido como um contra-exemplo. É certo que há muitos casos em que usamos uma linguagem implicitamente religiosa e não gastamos tempo pensando sobre a bagagem teísta que vem com essas narrativas e imagens. Expressões como: "Oh, ela é tão boa, ela é um anjo!", "Foi um inferno na Terra", "O sacrifício deles não será esquecido", "Esse bolo é tão pecaminoso!", "Acho que foi só o meu carma" etc. Esses termos são multi vocais; eles falam em níveis diferentes e evocam tradições mais antigas que podemos reconhecer.

Além disso, a analogia vem com seus próprios atributos presumidos. Se eu chamar alguém de anjo e essa pessoa não tiver asas, uma auréola e as outras habilidades presumidas da força angelical, então a comparação deve ser em relação a algum outro aspecto que lembra o angelical – sua personalidade benevolente e bondosa. Se falarmos de jeans nos abençoando, já teremos uma pequena ideia dos atributos dominantes de uma calça jeans – tem um impacto em nossa aparência. No entanto, o problema com a IA (Inteligência Artificial) é que não temos controle sobre seus atributos. Ainda não, pelo menos, e talvez nunca tenhamos.

Acho que essa incerteza é a questão subjacente da IA que qualquer discussão sobre os *tweets* do BBtA precisa levar em conta. A linguagem metafórica sobre IA é abundante porque não sabemos como colocá-la em uma categoria estável. É uma coisa, um campo, uma entidade futura, uma aspiração humana, um erro e muitas outras mais. Anteriormente, relatei a IA como um objeto de discussão ao conceito de liminaridade, particularmente aos seres liminares. Assim como o fantasma, o centauro, o zumbi e (obviamente) o robô, ela se aproxima cada vez mais, em nossa imaginação, da entidade percebida como "humana", mas ainda difere dela em alguns aspectos da nossa concepção. Para alguns, isso leva a uma sensação de estranheza, como no conceito *Uncanny Valley*, de Masahiro Mori (1970). Mas, principalmente, essa fuga de categorias familiares coloca a IA em uma metacategoria do liminar que estimula a linguagem teológica e espiritual de uma forma que uma calça jeans não faz. Tendo essa metacategoria em mente, bem como a multivocalidade do termo "abençoado", podemos ver que

estamos em um momento extremamente fértil para uma variedade de tons na discussão sobre IA – incluindo o seriamente religioso, o implicitamente religioso, o paródico, o irônico, o metafórico, o acadêmico, o financeiro e, até mesmo, o moralista.

Acho que todas as respostas ao meu artigo de 2020, sobre os *tweets Blessed by the Algorithm*, reconhecem essa multivocalidade e o momento específico que a IA nos apresenta. Com isso, não me refiro a um momento de tecnodeterminismo – a ideia de que a IA está nos obrigando a abordá-la de maneiras específicas. Em vez disso, quero dizer que há uma tecnologia cada vez mais interativa, que aprimora não apenas nossa tendência humana ao antropomorfismo, mas também incentiva o teísmo. Vemos isso em aplicativos específicos – como o novo *JesusGPT*, que usa um "transformador generativo pré-treinado" para responder a perguntas "como" Jesus – e por meio do discurso mais amplo sobre os perigos dos deuses superinteligentes da IA na mídia.

Há uma relação recursiva e auto-alimentada entre a linguagem teísta metafórica que usamos e nossas visões da IA como uma entidade divina. Os quatro comentários ao artigo da BBtA, publicados na Debates do NER (2023), levam a sério as complicações e limitações da linguagem em torno da IA e o possível resultado de pensar que ela pode ter uma superagência e, ao mesmo tempo, não enxergar os "humanos na máquina". Essas respostas também contêm perguntas e comentários válidos sobre o trabalho, que abordarei dentro das limitações de minha própria linguagem.

Começando pelo ensaio de Jacob Boss, a primeira coisa que tenho a dizer é que uma das dificuldades de formular uma resposta a uma resposta é saber como lidar com elogios. Conheço Jacob há algum tempo e sei que ele é um acadêmico muito profissional que pensa profunda e sinceramente em seus comentários sobre o trabalho dos outros. Portanto, quando ele me chama de "professora de pesquisadores", fico extremamente satisfeita, mas também desajeitadamente britânica e incerta sobre como responder – um estado em que me encontrei ao ler partes das outras respostas também. Sinto-me mais à vontade para mergulhar nas perguntas e críticas desses ensaios.

Com o comentário de Boss, a resposta imediata é sua sugestão de que pode ser útil considerar outros modelos de desenvolvimento da religiosidade, além do esquema tripartido de Weber para legitimação. Muitos acadêmicos têm suas figuras de referência, e a minha há muito tempo é Weber. Desde um momento embaraçoso no início de minha carreira em Cambridge, quando falei a respeito do trabalho de Weber sobre carisma com grande entusiasmo para meu orientador, apenas para ser gentilmente lembrada de que, como alemão, seu nome começava com um som de "v", e não com o duplo "u" mais suave da língua inglesa. O trabalho de Durkheim sobre efervescência coletiva, apresentado por Boss aqui, deveria ser examinado como uma joia de vários lados, para ver se suas facetas também se encaixam nas circunstâncias dos *tweets* da BBtA. Esses *tweets* são o início de alguma coletividade religiosa além de um enquadramento metafórico compartilhado? E quem serviria a essa comunidade e facilitaria essa efervescência?

Boss retoma minha menção ao trabalho de Sophie Bishop sobre os "autodenominados especialistas em algoritmos" que, segundo minha proposta, podem ser interpretados como os profetas e sacerdotes do algoritmo. Mas, em seguida, ele pergunta se a descrição de Durkheim do feiticeiro não seria mais adequada do que o foco de Weber na figura do profeta e nos sacerdotes que rotineiramente fazem seus pronunciamentos carismáticos. O foco em um relacionamento com o cliente parece ser a chave, pois Boss cita Durkheim – "o feiticeiro tem uma clientela, não uma igreja" – e observa a falta de um foco na comunidade, tanto para os feiticeiros quanto para esses especialistas em algoritmos.

A resposta de Boss levanta uma questão maior sobre como a religião e a magia são enquadradas como esforços e domínios diferentes na literatura mais ampla de estudos da religião e no discurso popular. O enquadramento da magia como individualista e da religião como comunitária tem sido há muito tempo um ato ideológico de alteridade por parte de autoridades religiosas e acadêmicas. Da mesma forma, nos séculos mais recentes, a crescente sinonímia da magia com o fraudulento e o falso apenas reforçou uma história de diferença. Há também semelhanças entre o feiticeiro e o

sacerdote que às vezes são ignoradas em favor dessa narrativa da diferença. Por exemplo, quando Boss fala que as pessoas recorrem aos "feiticeiros do algoritmo para obter assistência na recuperação de algum controle sobre suas experiências e resultados algorítmicos", é como se os sacerdotes nunca tivessem pedido nada às suas divindades por meio de ofertas propícias. Certamente, os sacerdotes não fazem isso para "controlar" suas divindades, mas também me pergunto até que ponto os especialistas em algoritmos acham que estão tentando "controlar" o algoritmo em vez da tentativa de obter o tipo certo de atenção no momento certo.

Na verdade, uma das palavras usadas com mais frequência em relação ao ajuste fino do seu currículo para um sistema de rastreamento de candidatos (*applicant tracking system*, *ATS*) habilitado para IA é o termo neoliberal moderno "otimização", não controle. Essa otimização requer o uso de palavras-chave para as "*soft skills*" que o algoritmo reconhecerá, como "comunicação", "adaptação", "organização", "gerenciamento de tempo" ou "profissionalismo" (Hays, 2023). Essas não são palavras que ordenarão ao algoritmo o que fazer. Em vez disso, para estender a metáfora do relacionamento sacerdote/deus, essas são palavras que conseguem atrair a atenção do algoritmo por corresponderem a marcas que ele já foi treinado para identificar e destacar em seus resultados. Mais uma vez, essa descrição do "algoritmo" cai rapidamente na personificação, mesmo ao descrever conselhos de um *site* de emprego com foco muito mundano, como a empresa de recrutamento (Hays, 2023).

A ansiedade crescente que emerge diante do algoritmo, sentida em tais recursos de CV *online* – e, eu diria, no enquadramento mais religioso dos *tweets* do BBtA – também é corretamente destacada por Boss. Ele reconhece que as bênçãos e maldições do algoritmo têm efeitos muito reais em uma sociedade neoliberal em que cada pessoa é transformada em "uma pequena corporação". Boss também observa o impulso para "otimizar" aqui, bem como a "exploração, vulnerabilidade e contingência" que a implantação da IA em nossa sociedade moderna provoca. Já escrevi em outro lugar sobre o desespero existencial que os relatos mais religiosos e mitológicos da IA, como

o Basilisco de Roko, podem provocar (Singler, 2019). No entanto, não era minha intenção dizer que apenas as visões mais exponenciais da IA tinham esse potencial de dano, e aprecio o apelo de Boss por uma reação contra o "obscurantismo algorítmico" que alimenta as interpretações mais teístas da IA, e sua indicação de que o trabalho está sendo feito no nível "de base" pelos *punks*, *biohackers*, *grinders*, pesquisadores marginalizados, em espaços onde a efervescência coletiva pode realmente estar aparecendo. Meu trabalho etnográfico mais amplo com os novos movimentos religiosos intencionais da IA também indica movimentos semelhantes, com evidências mais óbvias de ritual e comunidade do que as mostradas nos *tweets* do BBtA. Mas eu ainda diria que esses *tweets* estão no mesmo espectro de visões religiosas da IA, com respostas semelhantes a sua liminaridade e possibilidades.

A referência de Boss à Casa de Ellil em "Atrahasis", o mito babilônico da criação, é uma analogia fecunda, pois sua moral é saber onde colocar a responsabilidade. Em nosso caso, onde localizar a responsabilidade pelos danos da IA. A advogada do diabo em mim, outra metáfora religiosa com multivocalidade, quer alertar sobre a inclusão de mais metáforas religiosas na conversa sobre IA. Essa metáfora também pode servir para enfatizar a superagência e apenas aumentar o obscurantismo algorítmico sobre o qual Boss adverte. Também tive esse pensamento quando ele perguntou: "Como seria uma cosmologia capaz de superar ou resistir ao obscurantismo algorítmico?". As cosmologias são, por si só, difíceis de controlar e, muitas vezes, podem ser levadas por outras pessoas em direções que você não esperava, incluindo a teológica.

Da mesma forma, para ser o mais auto reflexivo possível como antropóloga, sempre houve a preocupação de que, ao escrever e falar sobre os *tweets* da BBtA, eu pudesse estar alimentando a conversa sobre eles. Todo antropólogo moderno tem esse momento de preocupação. Nosso relacionamento com o campo é bidirecional: somos mutuamente modificados pela interação. Às vezes, isso é mais quantitativo do que qualitativo: há quantitativamente mais *tweets* sobre o BBtA agora porque alguns deles vieram de mim.

Essa é uma questão sobre a qual pensei ao ler a resposta de Marta Kołodziejska. Ela menciona que "uma vez que a *internet* se tornou amplamente disponível e popular e se transformou em uma parte mundana da vida cotidiana (a maneira como a *internet* funciona também não é mais um grande mistério), tais associações utópicas e teístas se tornaram menos populares". No entanto, como poderia ser comprovado esse declínio do pensamento místico sobre as tecnologias? Temos a ideia do "*hype cycle*", que pode ser pertinente. Também seria possível delinear e observar com precisão um ciclo de teo-*hype*? E, conectada, como eu poderia voltar aos *tweets* do BBtA e deduzir se eles estão crescendo em influência e se transformando em um novo movimento religioso, como Giulia Evolvi também pergunta, como veremos a seguir? Eu poderia extrair minha influência nessa conversa desde que publiquei meu artigo sobre eles em 2020?

Existem declarações que defendem a diminuição da mística da tecnologia, como a *internet* e, mais pertinentemente, a IA. O que John McCarthy disse certa vez – "assim que funciona, ninguém mais a chama de IA" –, significa que a IA, a verdadeira inteligência artificial, continua sendo uma esperança quase escatológica, mesmo quando uma pequena aplicação após a outra é bem-sucedida. Pode-se presumir que essa desmistificação levará a um domínio cada vez menor da IA teísta, à medida que mais e mais usos dessa tecnologia emergente forem sendo domesticados.

Entretanto, algo ainda me incomoda e, para bancar a advogada do diabo novamente, devo perguntar: as pessoas REALMENTE entendem como a *internet* funciona, como afirma Marta Kołodziejska? Os estudiosos de religião digital, como Kołodziejska, talvez entendam, juntamente com outros que trabalham diretamente com ciência da computação. Talvez Kołodziejska esteja correta, e a IA só tem seu encanto atual e sua possibilidade de encantar porque parece recente. É claro que não é. A IA é anterior à *internet*, foi criada em 1956, na Conferência de Verão de Dartmouth, da qual participaram John McCarthy e os outros "pais fundadores". A idade da IA costuma ser surpreendente para muitos, pois ela é frequentemente apresentada como uma tecnologia emergente empolgante, quando, na

verdade, o que há de novo é um conjunto de dados maior ou uma técnica específica, como a aprendizagem profunda, que também não é necessariamente compreendida pelo público. Quando a IA estiver mais amplamente disponível e popular, como sugeriu Kołodziejska com sua discussão sobre a *internet*, ela perderá essa mística? Talvez. Entretanto, eu argumentaria que a personificação intencional da IA, como uma entidade individual com a qual podemos nos comunicar diretamente, é uma diferença em relação à *internet*, que permaneceu como um espaço em potencial, em vez de uma pessoa ou divindade. Mesmo que esse espaço possa ser sacralizado por profissionais e em linguagem metafórica.

Também gostaria de levar em consideração as críticas de Marta Kołodziejska ao meu artigo. Seus principais comentários são sobre os métodos de análise de dados e uma reflexão muito breve sobre a natureza paródica/irônica dos *tweets*. Em relação à primeira, suspeito que, como muitos acadêmicos, formulei minha abordagem durante pesquisas e treinamentos anteriores e decidi, inconscientemente, dar mais espaço para o material respirar em vez de repetir a descrição de um método mais uma vez. Esse é um ponto fraco do artigo e sugere a necessidade de voltar à auto reflexividade, que mencionei acima, sobre meus métodos e meu efeito no campo. O comentário quanto a necessidade de mais análises sobre sentimento também é justo, mas eu observaria que nem todos os *tweets* se adequam a ela. Da mesma forma, quando Kołodziejska pede mais informações sobre os *tweets*, às vezes elas simplesmente podem não estar lá. Assim como na pesquisa anterior que realizei sobre declarações de filiação no *Twitter* – por exemplo, examinei *tweets* de pessoas que simplesmente enviaram as duas palavras "Crianças índigo" (Singler, 2017) –, há momentos em que as pessoas estão simplesmente transmitindo seus pensamentos imediatos nas mídias sociais.

Assim como o aluno de mestrado do meu seminário, Kołodziejska também questiona o que torna as narrativas relacionadas à IA diferentes de outros relatos coloquiais sobre ser "abençoado". No entanto, acho que o exemplo de Kołodziejska é um contraexemplo mais fraco do que o do jeans. Ela observa *tweets* em que as pessoas descrevem que foram "abençoadas pelos

deuses da economia", presumindo que a intenção é apenas brincar e não indicar o crescimento de crenças religiosas em novos "deuses da economia". Para mim, o que torna isso um contra exemplo mais fraco é o fato de que a multivocalidade de "abençoado" ainda está mais fortemente ligada ao teísmo nesses *tweets*, muito mais do que no exemplo do "deus jeans". Além disso, a "sorte", que essa expressão está indicando, tem um histórico mais longo de interpretações teístas do que os aprimoramentos estéticos de uma calça jeans. Esse contra exemplo de Marta se encaixa melhor em uma discussão sobre continuidades teístas por meio de metáforas do que o exemplo do aluno de mestrado, que, em vez disso, fornece algo como um argumento *ad absurdum* (pessoalmente, nunca ouvi esse tipo de elogio antes) para refutar minha descrição dos *tweets* do BBtA como teístas.

A terceira resposta, de Carly Machado, é uma bênção por si só. Ela apresentou-me a uma variedade de trabalhos excepcionais e emergentes de etnógrafos brasileiros que estão lidando com interseções semelhantes de religião e tecnologia, além de trazer evidências e perspectivas importantes sobre raça, poder, desigualdade, política e muito mais. Também é apreciada a conexão direta que Machado faz entre esses trabalhos e os eventos recentes no Brasil. Em particular, ela cita a pesquisa de Letícia Cesarino em relação à mobilização da tecnologia e das empresas de tecnologia nas eleições brasileiras de 2018 e 2020, e como as plataformas e os aplicativos apoiaram a relação entre religião e poder nesses momentos. Agradeço a Machado por nos lembrar novamente que o poder é um fator arraigado na discussão sobre religião e tecnologia, especialmente neste momento atual de mudanças nacionais em direção a vozes do populismo e do conservadorismo (com alguns exemplos de rebelião contra essa tendência, é claro). Aprecio a afirmação de Machado de que meu trabalho ajudará a produzir a "capacidade analítica de entender as tramas de poder, como elas são criadas e também como podem ser desfeitas".

Um tópico relacionado, o da hegemonia, também pode ser levantado em resposta à crítica de Machado de que o artigo do BBtA se concentra exclusivamente na teologia cristã em relação ao teísmo da IA. Certamente, há

um amplo escopo para discutir outras teologias e formas de futurismo e sua influência sobre o discurso e os imaginários da IA: no próximo "*Cambridge Companion to Religion and AI*", que co-editei com Fraser Watts, temos excelentes capítulos sobre teologia negra, judaísmo, islamismo, hinduísmo e budismo, e tenho outra monografia a ser publicada que explora exemplos da relação da IA com outras religiões estabelecidas e recém-estabelecidas.

Entretanto, uma coisa que é muito aparente no discurso sobre IA é a narrativa de sua hegemonia e singularidade. As previsões sobre seu desenvolvimento podem cair rapidamente em cenários de uma futura corrida armamentista, à medida que as nações correm para desenvolver uma IA cada vez superior à de outras nações. Essa narrativa também pode levar à conclusão de que essas múltiplas super inteligências necessariamente se enfrentarão. Além disso, se sobrevivêssemos a alguma forma de "apocalipse da IA", viveríamos para ver uma singular "Singularidade da IA" em ascensão em todo o mundo. Portanto, é possível perceber como esse relato pode se encaixar em uma forma de "henoteísmo da IA" que, por meio de conflitos, evolui para o "monoteísmo da IA". Também, como algumas formas de discurso sobre IA falam pouco sobre as etapas percorridas para chegar a esse monoteísmo e, em vez disso, apenas pulam para o domínio de uma Singularidade singular.

Assim, embora haja muito material sobre outras concepções religiosas de IA, quando as pessoas concebem "o Algoritmo" como algo que se encaixa no espaço divino, ele é predominantemente um deus singular – mesmo perante o atual momento de proliferação algorítmica, e até dentro das mesmas plataformas. Além disso, o legado cultural religioso dominante para muitos desses interlocutores é uma forma de cristianismo comum ou vernacular. Em trabalho futuro sobre como a IA pode (ou não) criar religião, exploro um exemplo de elementos narrativos adaptados de concepções não cristãs, mas monoteístas, de deus. Por exemplo, no conto "*Reason*" (1941), de Isaac Asimov, em que os seguidores das máquinas de um novo "deus da IA" imitam a *shahada* islâmica, a proclamação da fé, para afirmar que: "não há outro Mestre senão o Mestre e QT-1 é seu profeta". No entanto,

essa adoção do discurso ritualizado islâmico se baseia na crítica de Asimov à religião, às vezes bastante evidente; escrever e zombar desses robôs religiosos é a maneira de Asimov expressar sua opinião de que a religião é o resultado da irracionalidade e da credulidade (Singler, no prelo).

Também aprecio o fato de Machado relacionar meu trabalho a uma história mais longa de discussões sobre "o futuro do passado religioso", em especial ao trabalho de Hent de Vries e o impulso acadêmico para explorar as interseções entre religião e tecnologia no início dos anos 2000. Além disso, por meio da reformulação desse título, também podemos explorar "o passado do futuro da religião", nas palavras de Machado, e contestar qualquer afirmação de que a religião apenas começou a olhar para o "futuro" por meio da adoção de tecnologias emergentes. Àquilo que Machado extrai do meu trabalho e coloca como uma pergunta – "Será que a IA não está emaranhada com o religioso e será que a religião não está emaranhada com a tecnologia?" –, minha resposta, em voz alta e talvez óbvia, é simplesmente "não".

Para voltar a ser antropóloga, quero me referir brevemente a um momento recente de trabalho de campo, que considero relevante para os comentários de Machado aqui. Esse foi um momento no qual pude expressar o que acredito que possa ser nossa posição compartilhada sobre a natureza da religião. Depois de dar uma breve palestra pública sobre religião e IA em Zurique, na Suíça, fui abordada por um senhor mais velho. Ele me disse que simplesmente não havia "entendido" minha apresentação. Acreditando que fosse um problema de idioma, reiterei de forma breve e cuidadosa os pontos básicos de minha breve palestra. "Não", ele respondeu, "é que eu não vejo o que a IA tem a ver com religião quando a religião é apenas crença". É claro que, em seguida, aponte para os mesmos elementos que Machado fez em sua citação do trabalho de Jeremy Stolow, de que é impossível imaginar

[...] qualquer forma de experiência, prática ou conhecimento religioso [...] sem tecnologia. Sem instrumentos, ferramentas ou dispositivos; sem arquitetura ou vestuário, sem tinta, instrumentos musicais, incenso ou documentos escritos; nem mesmo sem as práticas disciplinadas (Stolow, 2008, p. 194-195).

Infelizmente, parece que não consegui convencê-lo. No entanto, continuo afirmando, como Machado também parece fazer, que não pode haver religião sem tecnologia e, vice-versa, não podemos ver a tecnologia emergindo sem influências religiosas e culturais, imaginários inspirados por escatologias existentes. Também não podemos ver novas formas de religiosidade sem inovar a partir desses imaginários e de novas experiências com a tecnologia. A IA pode ser o exemplo mais recente dessa relação, mas não é um momento único nesse sentido, mesmo que sua interatividade e tendência a ser antropomorfizada molde essa relação de maneiras específicas, incluindo a deificação. Também fico satisfeita por Machado ter mencionado minha pesquisa e seu lugar dentro de uma história mais longa do estudo dos Novos Movimentos Religiosos (NRMs), incluindo seu próprio trabalho sobre os Raelianos, pois tenho certeza de que esse campo acadêmico é cada vez mais relevante para conceituar esse momento de mudança tecnológica e social.

Por fim, voltando à resposta de Giulia Evolvi, podemos ver algumas críticas positivas e negativas ao meu artigo do BBtA que se sobrepõem aos comentários de Kołodziejska e Boss, conforme já discutido, e algumas novas contribuições. Primeiro, agradeço seu reconhecimento de que intencionalmente não me aprofundi no miasma da "definição de religião". A definição de Geertz oferecida por outros estudiosos da religião digital, conforme mencionado por Evolvi, é bastante útil, assim como a citação de Boss sobre a efervescência coletiva de Durkheim. Entretanto, não creio que definições escritas consigam captar totalmente o envolvimento mais intuitivo das pessoas com suas formas culturais no discurso popular. Mais uma vez, foram feitas tentativas nesse sentido, e também podemos citar tentativas úteis como "religião vernacular", "religião implícita", "religião de estilo de vida", "religião cotidiana", entre outras, quando indicam uma abordagem específica da religião como objeto. Entretanto, elas serão apenas parciais. Em vez disso, podemos operar com o que eu chamaria de uma "teoria da mente religiosa". Ou seja, podemos operar com a suposição de que nossos sujeitos têm em sua própria mente um objeto no qual estão pensando quando pensam em religião e estão agindo de acordo com isso. Ao se expressarem por meio de

metáforas religiosas, tropos, imagens, narrativas etc., estão fazendo algo que talvez não consigamos encapsular por meio de uma definição singular, mas que ainda assim pode ser religioso em suas concepções do termo.

Evolvi parece concordar que não prender-me na circularidade das definições de religião em meu artigo é um ponto forte teórico, pois, em vez disso, eu me concentro – como os antropólogos deveriam fazer – no que as pessoas *fazem e discutem*. Há a ressalva de Evolvi de que essa abordagem levanta a questão de como essas instâncias indefinidas podem contribuir para discussões mais amplas sobre religião. Ou para discussões sobre secularização e pós-secularização. Uma resposta, embora não seja necessariamente uma resposta totalmente satisfatória, é sugerir que a forma do material etnográfico e do etnógrafo proporciona um efeito de modelagem, e vice-versa. Dizer, de fato, algo como "o tema do acadêmico de estudos religiosos é a religião, e que o estudo da religião torna o acadêmico um acadêmico de estudos religiosos", trata-se de uma tautologia, é claro, mas que, no entanto, rola moderadamente bem no meio acadêmico. Presumo que os acadêmicos que se comprometem a combater esses truísmos não avaliados por meio da descolonização do objeto "religião" não aprovarão. Mas também encontro mérito em seus trabalhos, como fiz em uma postagem no *blog* em 2023 sobre a contestação do conceito de "religião secular" (Singler, 2023a). Os acadêmicos do estudo da religião podem operar em diversos níveis de envolvimento com a formação de seu campo e seus objetos em vários momentos, e vejo isso como uma força e não como uma fraqueza.

Um segundo ponto forte do artigo do BBtA, identificado pela Evolvi, é a discussão da IA em relação aos Novos Movimentos Religiosos (NRMs). Conforme mencionado acima, há uma dificuldade em avaliar o desenvolvimento desse campo ou a escalada quantitativa dos *tweets* do BBtA, depois de ter compartilhado material sobre ele e de ter exercido alguma influência, ainda que pequena, na conscientização das pessoas sobre essa expressão. A pergunta de Evolvi sobre se os *tweets* do BBtA representam um NRM (*New Religious Movements*, Novos Movimentos Religiosos) em desenvolvimento ou um exemplo de continuidade com os imaginários religiosos tradicionais

me faz querer responder com o *meme* "*Why not both*" (Know Your Meme, 2011) ou o *meme* "*Both is good*" (Know Your Meme, 2012). Uma terceira opção, como mencionado acima, é que tanto os *tweets* do BBtA quanto os NRMs estão em um espectro de respostas teístas à IA e também podem ter influência um sobre o outro. Não conheço nenhum NRM de IA que use a expressão "*Blessed by the Algorithm*" (Abençoado pelo Algoritmo), mas acho que conversas mais amplas sobre interpretações teístas explícitas da IA podem incentivar o uso de BBtA no discurso público, tanto em paródia quanto em aspiração – embora isso seja apenas uma conjectura neste momento.

O terceiro elemento que Evolvi descreve como um ponto forte é o método, em contraste com Marta, que, na minha opinião, fez algumas observações positivas sobre a falta de discussão sobre o assunto. Eu gosto do fato de Evolvi apoiar a atenção a discursos *online* mais específicos que não atraem um grande número de comentários e uma grande circulação. Observar as pequenas coisas é uma parte intrínseca da antropologia, na minha opinião.

Também é uma questão válida perguntar, como faz Evolvi, que tipo de abordagem etnográfica pode ser utilizada em mídias sociais mais visuais. No mesmo ano do artigo da BBtA, também escrevi sobre a disseminação do "*AI Creation Meme*" – a remixagem da Criação de Adão de Michelangelo com foco em IA/robótica (Singler, 2020). Essas imagens da minha amostra foram encontradas em *sites*, mas também foram compartilhadas nas mídias sociais, portanto, há um grande escopo para uma exploração mais aprofundada dos artefatos materiais visuais do teísmo da IA e da metáfora teísta quando aparecem nas mídias sociais, como o *TikTok* e o *Instagram*. Alguns estudiosos já estão trabalhando nesses espaços, analisando as interpretações espirituais da IA como uma força divinatória ou reveladora nos bastidores, e estou animada para ver mais pesquisas nos estudos religiosos sobre IA e nossas apreensões em relação a ela.

Em resumo, foi um prazer ler esses comentários e ver meu trabalho envolvido de forma crítica. Cada resposta me fez refletir sobre minha metodologia, minhas suposições básicas e sobre o caminho para continuar

trabalhando nesse espaço. Como acadêmico, não há nada mais gratificante do que sentir que você realmente faz parte de uma discussão maior. A academia pode ser um lugar isolado, tanto socialmente quanto em termos de nossas bolhas intelectuais. Nós citamos os outros e eles nos citam (esperamos!), mas muitas vezes é apenas uma nota de passagem, portanto, ter esse nível de envolvimento profundo com o meu trabalho é um privilégio e me entusiasma para continuar trabalhando sozinha e, possivelmente, em colaboração com esses excelentes acadêmicos. Sou grata por esta oportunidade de refletir sobre seus comentários e refletir novamente sobre meu próprio trabalho.

REFERÊNCIAS

BOSS, Jacob. Alcançando através da nuvem: efervescência coletiva e obscurantismo da IA. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 59-67, 2023.

BOSS, Jacob. Reaching through the cloud: collective effervescence and AI obscurantism. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 69-77, 2023.

EVOLVI, Giulia. Comentário de Evolvi a Singler. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 107-113, 2023.

EVOLVI, Giulia. Comment by Evolvi to Singler. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 115-121, 2023.

HAYS. How to optimise your CV for the algorithms. *Hays. Working for your tomorrow*, 2023. Disponível em: <https://www.hays.com.au/career-advice/resumes-cover-letters/how-to-optimise-your-cv-for-the-algorithms>. Acesso em 04/11/2023.

MACHADO, Carly. Uma nova atualização da religião? Sobre religiosidade digitais e tecnologias religiosas. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 79-92, 2023.

MACHADO, Carly. A new updating of religion? On digital religiosities and religious technologies. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 93-105, 2023.

KNOW YOUR MEME. Why not both, why don't we have both. *Know your meme*, 2011. Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/why-not-both-why-dont-we-have-both>. Acesso em: 04/11/2023.

KNOW YOUR MEME. The Road to El Dorado. *Know your meme*, 2012. Disponível em: <https://knowyourmeme.com/photos/352470-the-road-to-el-dorado>. Acesso em: 04/11/2023.

KOŁODZIEJSKA, Marta. Comentário de Kołodziejska à Singler. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 47-52, 2023.

KOŁODZIEJSKA, Marta. Comment by Kołodziejska to Singler. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 53-58, 2023.

SINGLER, Beth. Taking Bugbears Seriously: Why Does the “Secular Religion” vs. “Religion” Distinction Matter?. *The Nonreligion and Secularity Research Network*, 2023a. Disponível em: <https://thensrn.org/2023/02/27/taking-bugbears-seriously-why-does-the-secular-religion-vs-religion-distinction-matter/>. Acesso em: 04/11/2023.

SINGLER, Beth. “Abençoado pelo algoritmo”: concepções teístas sobre inteligência artificial em discursos digitais. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 13-44, 2023.

SINGLER, Beth. The AI Creation Meme: A Case Study of the New Visibility of Religion in Artificial Intelligence Discourse. *Religions* v. 11, n. 11, p. 1-17, 2020.

SINGLER, Beth. Existential Hope and Existential Despair in Ai Apocalypticism and Transhumanism. *Zygon: Journal of Religion and Science*, v. 54, n. 1, p. 156-176, 2019.

SINGLER, Beth. *The Indigo Children: New Age Experimentation with Self and Science*. London: Routledge, 2017.

Recebido em: 01/11/2023

Aprovado em: 05/11/2023

